

O PÁTHOS DA DISTÂNCIA E DA DIFERENÇA

COSTA, Gilmário Guerreiro da (2011). "O páthos da distância e da diferença". *Archai* n. 7, jul-dez 2011, pp. 37-42.

RESUMO: *O presente trabalho intenta analisar e compreender a interpretação do eros platônico proposta por Walter Benjamin. Nela nos parece que se desdobram, em cena contemporânea, diversos problemas de interesse filosófico, entre os quais se destacam a visada na diferença e no enfrentamento crítico da ontologia da presença enquanto matriz da reificação do nosso trato com o mundo. Esse projeto filosófico pretende alcançar seus objetivos mediante a teoria da nomeação linguística, sustentando haver, no liame entre o ato de nomear e o eros platônico, a figura do paradoxo da união que apenas divisa o quadro de sua efetividade, se cuida da distância e da diferença.*

PALAVRAS-CHAVE: *Walter Benjamin, Eros Platônico, Nomeação Linguística, Diferença, Distância.*

THE PATHOS OF DISTANCE AND DIFFERENCE: BENJAMIN'S INTERPRETATION OF THE PLATONIC EROS

ABSTRACT: *This paper analyzes and seeks to understand Walter Benjamin's interpretation of Platonic eros. Several problems of philosophical interest seem to arise from it in the contemporary scenario, among which the focus on difference and on critical confrontation of the ontology of presence as the source of reification, which represents the way we relate to the world. This philosophical project aims to reach its goals through the theory of linguistic nomination, by claiming the existence of the paradoxical image of union in the link between the act of naming and Platonic eros. Such paradox is only effective if it deals with distance and difference.*

KEYWORDS: *Walter Benjamin, Platonic Eros, Linguistic Nomination, Difference, Distance.*

* Professor e assessor do Curso de Filosofia da Universidade Católica de Brasília; Pós-doutorando pelo Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, sob a supervisão do Prof. Gabriele Cornelli. E-Mail: gilmario@ucb.br

Gilmário Guerreiro da Costa*

Para Lígia.

Apresentação do problema

Há um fragmento escrito por Walter Benjamin chamado "Amor platônico". Encontra-se no conjunto de fragmentos "Sombras curtas I", de 1929. Nele, discutem-se as implicações do abandono, por parte da mulher, de seu sobrenome quando assume, no casamento, o do marido. Nem mesmo seu primeiro nome permanece, haja vista que outros termos carinhosos o substituem. Fenômeno diverso se observa no amor platônico. Ele respeita o nome da amada como estratégia de distanciamento, que implica aceitar-lhe a alteridade. Semelhante distanciamento, longe de implicar idealização romântica, revela gesto de tolerância com respeito à sua diferença irreduzível. É a condição para que o amante veja o ser amado em sua distância conferida pela aura, conceito benjaminiano que se desdobra sob matizes variados ao longo da sua obra.

A concisão e beleza desse texto justificam sua citação na íntegra:

A essência e o tipo de um amor se delineiam com maior precisão no destino que ele prepara para o nome – o de batismo. O matrimônio, que toma à mulher seu sobrenome para pôr em seu lugar o do marido,

contudo, também não deixa seu nome de batismo intacto – e isso é válido para quase toda aproximação sexual. Ele o envolve, o modifica com apelidos carinhosos, no meio dos quais o nome verdadeiro, com frequência, não se manifesta ao longo de anos e décadas. Contraposto ao matrimônio, nesse sentido amplo e apenas assim – no destino do nome, não no do corpo – verdadeiramente determinável, está o amor platônico em seu único genuíno e único relevante sentido: como o amor que não expia seu desejo carnal no nome, mas que ama a amada no nome, a possui no nome e no nome faz tudo por ela. Que ele guarde e proteja intocado o nome, o prenome da amada, apenas isso é a verdadeira expressão da tensão, da propensão ao distanciamento, a que chamamos amor platônico. Nesse amor, a existência da amada se desprende de seu nome como raios de um núcleo incandescente, e daí também a obra do amante. Portanto, a Divina Commedia não é nada mais que a aura em torno do nome Beatriz; a mais poderosa demonstração do fato de que as forças e formas do cosmos emanam do nome intacto do amor. (BENJAMIN, 1995, p. 207-8)¹

O casamento burguês, afim ao desencantamento moderno que retira ao mundo a magia e qualquer mística da distância, assenhoreia-se do nome da mulher enquanto ardil que permite suplantar a incomensurabilidade do outro. Assim como a perda da aura e a da experiência enfeixam-se no desaparecimento do narrador, tal como examinado por Benjamin em outros ensaios, a imediata proximidade do outro no casamento burguês celebra o esfacelamento da aura, por força da tensão que esta estabelece entre distância e presença.

O pormenor do sobrenome convida a reflexão a incidir sobre o enredamento do amor na linguagem. Gera incompreensão pretender entendê-lo sem a menção à nomeação linguística. O amor platônico sugere essa cumplicidade. Benjamin chega mesmo a conjeturar que a construção da *Divina comédia* articulou-se em torno ao nome de Beatriz: o nome da amada é a todo momento respeitado. A aura aceita o jogo das distâncias, por mais que tema o secreto devir do amante. Dante assim o fez. Nada lhe seria mais

alheio do que os ciúmes de Marcel diante da figura fúgida de Albertine. Há, nesse sentido, espécie de ética do paradoxo no amor platônico. Ao aproximar-se, ele lavra distâncias.

Compreende-se melhor as implicações da reflexão proposta por Benjamin se articulada a algumas diretrizes de sua filosofia da linguagem e, em especial, de sua teoria da nomeação adâmica.

Linguagem, nomeação e amor

Desde os seus ensaios de juventude, em que pesem as variações conceituais observadas ao longo da sua obra, Benjamin manteve algumas teses acerca da linguagem: uma recusa da explicação convencionalista – ele menciona explicitamente a hipótese da arbitrariedade do signo linguístico, de extrato saussuriano; sustenta ser a linguagem um médium-de-reflexão, que levou alguns comentadores, de modo convincente, a ver nisso uma antecipação da virada linguística, embora Benjamin não tenha se ocupado da linguagem cotidiana (ROCHLITZ, 2003, p. 34); desconfiança com respeito à função comunicativa da linguagem. Na presente seção, vamos nos ocupar desta última tese.

Em um belo estudo sobre Benjamin, Hannah Arendt afirma que ele pensava poeticamente (1987, p. 135). Isso se mostra na sua concepção de linguagem marcada por um abandono do estudo da sua feição instrumental, comunicativa, cercando-se de um interesse de vê-la em seu exercício fragmentário. Para Arendt, o destino dessa concepção não é outro que não a poesia: “O que isso significa senão que ele entendia a linguagem como um fenômeno essencialmente poético?” (1987, p. 175) Linguagem poética e fragmento situam-se numa dimensão onde passam torrentes subversoras do pensar. O pensamento nutre-se dessas fontes. É nos planos de incompreensibilidade da linguagem poética que a reflexão recebe o aceno de possibilidades ainda abertas e não desgastadas pela exaustão semântica e pela proliferação de estereótipos das linguagens cotidianas na modernidade.

1. „Wesen und Typus einer Liebe zeichnen am strengsten im Schicksal sich ab, welches sie dem Namen — dem Vornamen — bereitet. Die Ehe, die der Frau den ursprünglichen Nachnamen nimmt, um den des Mannes an seine Stelle zu setzen, läßt doch auch — und dies gilt von fast jeder Geschlechtsnähe — ihren Vornamen nicht unangetastet. Sie umhüllt, umstellt ihn mit Kosenamen, unter denen er oft jahre-, jahrzehntelang nicht mehr zum Vorschein kommt. Der Ehe in diesem weiten Sinne entgegengesetzt, und nur so — im Schicksal des Namens, nicht in dem des Leibes — wahrhaft bestimmbar, ist die platonische Liebe in ihrem einzig echten, einzig erheblichen Sinn: als die Liebe, die nicht am Namen ihre Lust büßt, sondern die Geliebte im Namen liebt, im Namen besitzt und im Namen auf Händen trägt. Daß sie den Namen, den Vornamen der Geliebten unangetastet wahr und behütet, das allein ist der wahre Ausdruck der Spannung, der Fernneigung, die Platonische Liebe heißt. Dieser Liebe geht wie Strahlen aus einem Glutkern das Dasein der Geliebten aus ihrem Namen, ja noch das Werk des Liebenden aus ihm hervor. So ist die Divina Commedia nichts als die Aura um den Namen Beatrice: die gewaltigste Darstellung dessen, daß alle Kräfte und Gestalten des Kosmos aus dem heil der Liebe entstiegenen Namen hervorgehen.“ (BENJAMIN, 1991a, p. 368-9)

Coerente com esse pressuposto, o autor sustenta, em um ensaio de 1916, "Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana", que a linguagem comunica a essência espiritual:

Que comunica a linguagem? Comunica a essência espiritual que lhe corresponde. É fundamental saber que esta essência espiritual se comunica na linguagem e não através da mesma. Não há, pois, o falante de línguas, se com isso nos referimos àquele que se comunica através dessas línguas. A essência espiritual comunica-se na língua e não através dela, ou seja, de fora não é idêntica à essência linguística. A essência espiritual é idêntica à linguística só na medida em que é comunicável. O comunicável numa essência espiritual é a sua essência linguística. (...) A linguagem comunica a essência linguística das coisas.² (BENJAMIN, 1992, p. 179)

2. "Die Sprache teilt das sprachliche Wesen der Dinge mit." (BENJAMIN, 1991b, p. 142).

3. "Das sprachliche Wesen des Menschen ist also, daß er die Dinge benennt." (BENJAMIN, 1991b, p. 143)

O comunicável a que se refere o texto não incide sobre a função comunicativa da linguagem. Paradoxalmente, quando comunica, a linguagem resiste à sua inserção nas demandas cotidianas de comunicação. É outra a sorte de conteúdo que exhibe, reveladora de traços não instrumentais: a essência espiritual e linguística das coisas.

Semelhante revelação sublinha-se especialmente na linguagem humana, no exercício daquilo que lhe é peculiar, a nomeação:

Não se objecte que não conhecemos outra linguagem além da do homem. Não é verdade. O que não conhecemos é outra linguagem designadora além da do homem: identificando a linguagem designadora com a linguagem em geral, a teoria lingüística despoja-se da sua compreensão mais profunda e íntima das coisas. – A essência lingüística do homem é, pois, o facto de ele designar as coisas.³ (BENJAMIN, 1992, p. 180)

O caráter dessa linguagem humana, de ser designadora (*benennende Sprache*, p. 143), nomeadora, permite superar o plano da pura dispersão dos fenômenos, construindo sendas passíveis de recolhê-los em níveis mais gerais, acenando para a sua salvação (tema recorrente

na obra benjaminiana, que retoma da mística judaica, sobretudo de Isaac Luria). É nesse contexto, parece-nos, que se pode interpretar esta sentença enigmática: "No nome, a essência espiritual do homem transmite-se a Deus." (BENJAMIN, 1992, p. 181). Tal reflexão incide sobre uma concepção de linguagem avessa ao cálculo.

A hipótese nomeadora robustece-se na leitura filosófica inusitada que faz do livro de "Gênesis". Parece ao autor que essa narrativa concede substrato ao estudo da linguagem enquanto criação e designação: "A linguagem é, pois, a criadora e a que completa é palavra e nome." (BENJAMIN, 1992, p. 186). Adiante ele complementa: "Toda linguagem humana é apenas reflexo da palavra no nome." (BENJAMIN, 1992, p. 187). O ato inaugural, em que algo se desvela à luz de sua nomeação, responde pela ação da linguagem em sua contextura essencial. Daí ser a passagem da linguagem das coisas à dos homens equivalente ao movimento do não-nome para o nome: "A tradução da linguagem das coisas na do homem não é apenas a tradução do insonoro no sonoro, mas também do que não tem nome, no nome." (BENJAMIN, 1992, p. 189)

Esse estudo do nome torna a comparecer, com algumas mudanças, no prefácio à *Origem do drama barroco alemão*, denominado "Questões introdutórias de crítica do conhecimento". Logo nas primeiras páginas insinua-se o trato pouco ortodoxo concedido às questões do texto. Jogando com a etimologia do termo "método", afirma: "Método é caminho indireto, é desvio" "*Methode ist Umweg*" (BENJAMIN, 1984, p. 50) Haveria um equivalente na literatura brasileira: as "veredas" de Guimarães Rosa. O trocadilho não é inocente. Para lidar com a sorte de objetos a que se propõe o autor, estruturando-se em torno a uma concepção de linguagem que timbra por seu caráter não-instrumental, cumpre acautelar-se contra promessas metodológicas de acesso calculado aos objetos, desfigurando os planos de ausência e presença inscritos no processo de nomeação.

O sortilégio de Eros modula-se pela resistência a caminhos predelineados. Urde presença e ausência em seus transvios:

Amante, e não perseguidor, Eros a segue em sua fuga, que não terá fim, porque a beleza, para manter sua fulguração, foge da inteligência por terror, e por medo, do amante. E somente este pode testemunhar que a verdade não é desnudamento, que aniquila o segredo, mas revelação, que lhe faz justiça. Mas pode a verdade fazer justiça à beleza? Essa é a questão mais profunda do Symposium. (BENJAMIN, 1984, p. 53)

Evidencia-se aqui a resistência à noção de posse, coerentemente articulada com o exercício inusitado do páthos da distância e incomensurabilidade. Paga-se com isso tributo ao segredo.

Ainda em *A origem do drama barroco*, dando continuidade, em nível diferente, às suas pesquisas em torno ao problema da nomeação, o filósofo afirma:

A verdade não é uma intenção, que encontrasse sua determinação através da empiria, e sim a força que determina a essência dessa empiria. O ser livre de qualquer fenomenalidade, no qual reside exclusivamente essa força, é a do Nome. É esse ser que determina o modo pelo qual são dadas as idéias. Mas elas são dadas menos em uma linguagem primordial que em uma percepção primordial, em que as palavras não perderam, em benefício da dimensão cognitiva, sua dignidade nomeadora. (BENJAMIN, 1984, p. 58)

Nada mais distante dessa reflexão do que noções convencionalistas do signo linguístico, as quais são, segundo o autor, peculiares a uma ciência burguesa da linguagem, que ele pretende superar. A “dignidade nomeadora” da linguagem referida pelo autor desvela (ou constrói?) a essência da empiria, sendo o exercício estruturante do modo de ser das ideias. No nome, as coisas comparecem em sua ausência na palavra, e somente assim podem salvar-se na ideia.

A articulação desses planos permite divisar o esforço para salvar os fenômenos, guardando sua particularidade, ao mesmo tempo em que intenta prover os meios para a sua vinculação à ideia. Um tanto paradoxalmente, é resistindo à ostensiva ontologia da presença que os fenômenos podem

apresentar-se em sua configuração mais íntima. Mais uma peça de contradição encenada, a sublinhar a suspeita de ser o paradoxo, para o autor, uma pausa de silêncio no significado. Seria a efigie móvel do conflito ontológico no cerne da linguagem, revendo a premência da política, que evitasse a violência, e da arte, possível resgate da afetividade.

Vai-se desdobrando, assim, a cena de uma interrogação em claro descompasso com as presunções do sujeito clássico (GAGNEBIN, 1999, p. 20). Giorgio Agamben bem o sublinha quando escreve:

Como o homem só pode receber os nomes, que sempre o precedem, através de uma transmissão, por isso a história mediatiza e condiciona o acesso a esta esfera fundamental da linguagem [...]. Pouco importa aqui que os nomes sejam uma dádiva de Deus ou uma invenção humana: o importante é que, de qualquer modo, sua origem escapa ao sujeito falante [...]. A razão não pode encontrar o fundo dos nomes [...], ela não consegue rematá-los, pois, como vimos, eles lhe chegam historicamente, “descendendo”. Esta “descida” infinita dos nomes é a história.” (AGAMBEN, apud GAGNEBIN, 1999, p. 20)

O sujeito é precedido por instâncias constituintes referidas à linguagem e à história, resistindo ao senhorio e desiludindo-o de sua pretensa segurança. Crucial ao entendimento desse processo é a fecunda interrogação benjaminiana acerca da origem:

A origem, apesar de ser uma categoria totalmente histórica, não tem nada que ver com a gênese [Entstehung]. O termo origem não designa o vir-a-ser daquilo que se origina [Werden des Entsprungenen], e sim algo que emerge do vir-a-ser [Werden] e da extinção. A origem se localiza no fluxo do vir-a-ser como um torvelinho, e arrasta em sua corrente o material produzido pela gênese. (BENJAMIN, 1984, p. 67-8)

Origem aqui difere de gênese, pois se move marcada pela temporalidade, nomeação e perda (GAGNEBIN, 1999). A nós cumpre revisitá-la por desvios diversos, sem a pretensão de dizê-la

definitivamente. Relembra o paradoxo borgiano acerca de Kafka, de que o grande escritor sempre reinventa os seus precursores. Sem que esse passado seja reconduzido à interpelação no presente, com vista a ser revisitado em sua diferença, a origem se perde inapelavelmente. É por esse motivo que, segundo a observação de Agamben supra-mencionada, não se pode rematar o fundo dos nomes. A oportunidade ofertada por sua configuração é a do reconhecimento conflituoso do muito que se perde no pouco que revela.

Em uma passagem memorável, Platão examina algo dessa perplexidade com a linguagem mediante a análise dos termos *sêma* e *sôma* (PLATÃO, 2001, 400c, p. 169). *Sêma* é “nome” e “sepultura”, presença e ausência, sinal e falta. De modo semelhante revela-se o termo *sôma*, em sua proximidade de som com *sêma*: mesmo o corpo, nessa associação, é aparência, inscrição da falta. Jeanne-Marie Gagnebin bem resume essa relação complexa, quando escreve: “Movimento mesmo da linguagem onde as “coisas” só estão presentes porque não estão aí enquanto tais, mas ditas em sua ausência.” (GAGNEBIN, 1999, p. 5) Estamos nos aproximando do cerne da preocupação benjaminiana com o amor platônico enquanto revelação da essência da amada em sua distância.

A aura e os paradoxos do amor platônico

A seção anterior buscou oferecer mais clareza às implicações das notas benjaminianas acerca do amor platônico, ao insistirem na relação entre o ato de nomear e o Eros platônico, configurada no paradoxo de uma união que apenas divisa o quadro de sua efetividade, se cuida da distância e da diferença.

Octavio Paz escreveu com acerto: “Tanto nos sonhos como no ato sexual abraçamos fantasmas.” (PAZ, 1995, p. 11) Um pouco adiante, “o erotismo é, em si mesmo, desejo – um disparo em direção a um mais além.” (PAZ, 1995, p. 19) Algo semelhante se delineava no *Banquete*, ao insistir, mormente no discurso de Sócrates, no

impulso para a transcendência. Movemo-nos em direção ao outro e à filosofia por força do amor.

Esse arremate urde a relação entre o caráter “faltante” /carente do Amor e a filosofia. O desejo da beleza evidencia o plano de falta que constitui o sujeito. Tal é o cerne da refutação socrática do discurso de Agatão no *Banquete*. Essa falta implica distanciamento, ausência: “Não deseja portanto quem não imagina ser deficiente naquilo que não pensa lhe ser preciso.” (PLATÃO, 1987, 204a, p. 35)

No *Crátilo*, a hipótese naturalista defendida por uma das personagens lança luz sobre a nomeação de Beatriz. Para o amante, o nome confere aura inexorável à amada. O espírito repousa sobre esse nome, matriz de sua incomensurabilidade. Em grande medida, o traço inapreensível do outro, melhor fruído e compreendido, paradoxalmente, na distância.

O nome “Beatriz” não se instrumentaliza e subsume no conceito casamento. Sua alteridade se guarda e revela na distância – uma das grandes intuições do platonismo. Ao dizer o nome da amada, segredando-o na distância, o amante platônico não fala senão a língua da poesia. Não se trata da comunicação que aproxima, mas da revelação que atordoia, espanta. Em grande medida, insinua-se, outrossim, um esforço contra o esquecimento, o medo primordial dos amantes – nem que para isso esse nome se torne Ideia.

O amor abre-nos, dessarte, relação não-objectificada com o outro. Reinventamos a pessoa amada não *para mim*, mas *para nós*, para a relação cuja cena envolve e desenvolve. Nessa alienação extática, saímos de nós para nos encontrarmos, paradoxalmente, num estado de transfiguração.

Para finalizar, gostaríamos ainda de tecer algumas notas comparativas com a reflexão acerca do nome da amada propiciada por Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*, no qual se disseminam diversas passagens inscritas em perplexidades semelhantes às urdidas por Walter Benjamin. Isto se nota sobretudo nas memórias de seu protagonista, Riobaldo, quando pensa em Diadorim. Sua descrição aninha o distanciamento aurático, por vezes mesmo religioso: “Sobre o

que juro ao senhor: Diadorim, nas asas do instante, na pessoa dele vi foi a imagem tão formosa da minha Nossa Senhora da Abadia! A santa..." (ROSA, 1994, p. 315). A distância torna-se em impossibilidade: "de Diadorim eu gostava com amor, que era impossível." (ROSA, 1994, p. 346). Mas se trata de um distanciamento que ainda mais enraíza a amada em Riobaldo, ao ponto de lhe adjetivar o olhar: "meus olhos de Diadorim." (ROSA, 1994, p. 291). Do nome vem a interiorização inarredável da amada nos olhos do narrador. Também não é outro o motivo da perda que lhe incomoda. Tais olhos são a lembrança incômoda de uma fissura algo eterna.

A perplexidade do narrador com a revelação amorosa por Diadorim, figura errante e distante, irmana-se de um influxo dantesco. Afinal de contas, de sua distância Beatriz e Diadorim acenam aos seus amados. Esta última vai além, mergulhando nos infernos do sertão. Morre, no entanto, sem qualquer possibilidade de receber Riobaldo no Paraíso: a descrição do inferno terreno embala diversas páginas do *Grande sertão: veredas*. Nele, porém, não existe memória do Éden, salvo, talvez, na linguagem poética que estrutura o romance. Beatriz podia levar o poeta ao Paraíso, gesto de gratidão pela pena do seu Criador: o poeta. Diadorim, diferentemente, lança, com a sua morte, o inferno no interior do amado Riobaldo: os "olhos de Diadorim" são agora cúmplices de uma perda intermínima, que vinca a ferida da saudade no cerne do amado, nas veredas da linguagem.

Diante da transitoriedade e falibilidade que nos move, o amor platônico, na leitura benjaminiana, assume impulso *utópico*, esperança na sua permanência que, longe de vingar mera racionalização da promessa, acena com sorriso e estupor para os planos da eternidade, segredando uma discreta expectativa de superação da *indiferença*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

PLATÃO. "O Banquete". In. *Diálogos*. Trad. José Cavalcante de Souza. 4ª. ed. São Paulo, Nova Cultural, 1987.

_____. "Crátilo". In *Diálogos*: Teeteto e Crátilo. 3ª. ed. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém, EDUFPA, 2001.

_____. *Diálogos*: Mênon, Banquete, Fedro. Trad. Jorge Paleikat. 5ª. ed. Porto Alegre, Globo, 1962.

Demais referências

ARENDE, H. (1987) "Walter Benjamin: 1892-1940". In. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras.

BENJAMIN, W. (1995) "Amor platônico". Trad. José Carlos Martins Barbosa. In. *Obras escolhidas II: rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5ª. ed. São Paulo, Brasiliense.

_____. (1984) "Questões introdutórias de crítica do conhecimento". In. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução, apresentação e notas: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense.

_____. (1991) "Platonische Liebe". In. *Gesammelte Schriften IV.1*. Frankfurt am Main, Suhrkamp.

_____. (1992) "Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana". Trad. Maria Luz Moita. In. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Trad. Maria Luz Moita, Maria Amélia Cruz e Manuel Alberto. Lisboa, Relógio D'Água.

_____. (1991) "Über Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen". In. *Gesammelte Schriften II.1*. Frankfurt am Main, Suhrkamp.

_____. (2002) "A vida dos estudantes". In. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Trad. Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo, Duas Cidades Editora 34.

GADAMER, H-G. (1998) *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. 2a. ed. Petrópolis, Vozes.

GAGNEBIN, J. M. (1997) "Do conceito de mimesis no pensamento de Benjamin e Adorno". In. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro, Imago.

_____. (1999) *História e narração em Walter Benjamin*. 2ª. ed. São Paulo, Perspectiva.

PAZ, O. (1995) *A dupla chama: amor e erotismo*. Trad. Wladyr Dupont. São Paulo, Siciliano.

ROCHLITZ, R. (2003) *O desencantamento da arte: a filosofia de Walter Benjamin*. Trad. Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru – SP, EDUSC.

ROSA, G. (1994) "Grande sertão: veredas". In. *Ficção completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar. Vol. 2.

Recebido em junho de 2011,
aprovado em julho de 2011.